

Apresentação

Centenário de Frantz Fanon

Completados 100 anos desde o nascimento do não somente psiquiatra e revolucionário Frantz Fanon, as pesquisas sobre e a partir de seu pensamento seguem efervescentes e em contínua produção. Em tempos onde o genocídio palestino e o ataque a soberania nacional são televisionados, com ampla cobertura de sequestro de líderes latino-americanos e bombardeio de capitais de países persas, seu pensamento, situado na encruzilhada entre a psiquiatria, filosofia, teoria social, marxismo, psicanálise e psicologia, segue vivo, talvez até mais atual do que no momento em que foi publicado. A dimensão do colonialismo, para Fanon, não seria uma mera palavra referente a um processo passado, mas sim de um projeto político, econômico e social ainda em curso nos tempos presentes, tendo no racismo sua principal faceta aparente de um programa de diferenciação absoluta, que utiliza da raça como um marcador de diferenciação que legitimaria a exploração e comercialização, atrelada à inferiorização, das populações que não se enquadravam no modelo branco-europeu. O pensamento fanoniano, ao apontar tanto a forma como se organiza o mundo cindido pelo colonialismo quanto as suas implicações objetivas e subjetivas, nos oferece um verdadeiro arsenal político e teórico, mas também prático, para realização de diagnóstico, prognóstico e possível profilaxia das chagas engendradas pelo colonialismo.

Neste dossiê, estão reunidos artigos que vertem olhar sobre diversas dimensões teórico-políticas da realidade a partir do pensamento de Fanon. Sejam nas discussões sobre o sujeito e a identidade, em sua relação com a linguagem e a subjetividade humana, quanto nas discussões sobre saúde pública e políticas de regulação e controle dos corpos tidos como dissidentes, além das dimensões filosóficas que seu pensamento mobiliza, em todos há a presença de uma profunda crítica a organização do mundo referendada na

diferença hierarquizada como fundamento do que entendemos como realidade.

No estudo: “A Linguagem a partir do Aquilombamento na Constituição Psíquica do Negro: uma Construção do Grupo de Estudos Nós Quilombo Virtual”, de **Franciele Dias, Fábio Belo, Ícaro Charles, Ricardo Reis e Catarina Nogueira**, discute-se o papel da linguagem como um elemento estruturante da subjetividade e enquanto um instrumento de dominação e inferiorização de pessoas negras. De tal forma que o negro, ao apreender a língua do branco deprecia a língua do negro, negando a si, impossibilitado a identificação com seus iguais, produzindo aprisionamento e limitação do psiquismo diante do discurso racista.

O artigo “A Sociogênese e Clínica Psicanalítica: a Proposta Ética de Frantz Fanon”, de **Priscilla Souza e Miriam Rosa**, aborda a categoria sociogênese a partir do pensamento de Frantz Fanon e Deivison Faustino na interpelação à psicanálise freudiana que considera a perspectiva da ontogênese na investigação das neuroses. Numa aposta ética, recupera-se Fanon, sua obra e prática clínica, para pensarmos a escuta da categoria do sofrimento e as relações raciais, numa escuta que não se esquia dos impasses sociopolíticos na direção do tratamento.

O estudo “Fanon não é Psicanalista na França. Mas, e no Brasil?”, de **Luciano Dias e Fernanda Canavêz**, parte de uma provocação que visa tensionar a devida inscrição das contribuições de Frantz Fanon ao campo psicanalítico, sobretudo o brasileiro. Deste modo, circunscrevemos a temática da alienação racial em Fanon como condição para problematizar a ocorrência de um duplo narcisismo nomeado pelo autor. Através desse verifica-se que o negro se encontra encerrado em sua negrura e o branco enclausurado pela brancura.

O artigo “Frantz Fanon: um Leitor da Psicanálise”, de **Pedro Ferreira e Fábio Belo**, trata da recepção e do uso da teoria psicanalítica na obra inicial de Frantz Fanon, a saber, sua tese para o exercício da medicina e do ensaio *Pele negra, máscaras brancas* (1952). A hipótese deste estudo é que em *Pele*

negra há o desenvolvimento de dois conceitos presentes da tese de exercício, a saber: alienação e complexo.

O texto “Racialidade Generificada: Contra o Esquema Epidérmico Racial Colonialista e Patriarcal”, de **Aline Rosa**, discute que, dentro do sistema moderno-colonial de gênero, que tem por origem a exploração e subalternização da mulher negra e ladino-amef리카na, é impossível pensar em um regime que diminua a dívida colonial que não refute o próprio sistema e também sua própria linguagem e imaginários patriarcais.

Em “Frantz Fanon e o Caráter Manicomial e Racista da Contrarreforma Psiquiátrica Brasileira”, de **Pedro Costa** e **Kissila Mendes**, empreende-se uma análise sobre a Contrarreforma Psiquiátrica em voga no campo da saúde mental, do álcool e de outras drogas a partir do diálogo com a *práxis* antimanicomial (e anticolonial) de Frantz Fanon. Por meio do diálogo com a obra fanoniana foi possível apreender o caráter não só manicomial da contrarreforma, mas estruturalmente racista.

Em “A Sociogênese vai às Ruas: Ensaio sobre as Imbricações entre o Racismo e o Fenômeno da População em Situação de Rua no Brasil”, de **Artur Lima** e **Lisandra Moreira**, temos um texto que, ao se apoiar na tese da sociogênese de matriz fanoniana, objetivou trabalhar a hipótese de que existe uma impossibilidade estrutural de debater a população em situação de rua sem que o marcador social da raça seja centralizado nos argumentos.

No artigo “Ciganos do Brasil Perdidos no Paraíso da Exotização: Apontamentos de Frantz Fanon para Sair da Cilada Colonial”, de **Hayanne Iovanovitch**, **Sara Macedo** e **Aluizio de Azevedo**, encontra-se uma análise sobre como fantasia, exotismo e representação são categorias teóricas dos escritos políticos de Frantz Fanon que auxiliam a pensar a cilada a que os povos ciganos no Brasil estão submetidos. Relacionar o anticolonialismo de Fanon com a teoria escrita por povos ciganos é o horizonte proposto pelo estudo. O racismo anticigano é bastante diferente do racismo antinegro, assim como do racismo anti-indígena. As fronteiras do mundo cigano sempre estiveram sob trincheiras e as máscaras que os não-ciganos utilizam, revela uma face que se disfarça em suas fantasias e projeções.

O artigo intitulado “Hegel e Haiti, Fanon e Argélia, Nós e Palestina”, de **Lucas Siqueira**, busca retomar a reflexão fanoniana sobre o humanismo moderno a partir da interlocução com o pensamento de Susan Buck-Morss de Hegel e Haiti, como uma observação histórica da indignação para com a liberdade nos processos humanos e em como a crítica filosófica se posiciona perante os acontecimentos históricos, quais escolhe reverenciar e quais escolhe ignorar.

No texto “La Salida es Coletiva: Comentarios a “Territorios Homosexuales” de Frantz Fanon de Keguro Macharia”, de **Alberto Canseco**, discute-se as dificuldades que surgem do caráter coletivo da luta política. A discussão proposta toma forma a partir de um comentário à leitura que o pensador *queer* queniano Keguro Macharia faz a partir de *Pele negra, máscaras brancas* de Frantz Fanon.

O artigo “A Violência enquanto Resistência ao Colonialismo em Fanon e Sartre”, de **Kátia Medeiros** e **Yasmin Cavalcante**, debate sobre a concepção de sociogenia desenvolvida por Fanon que oferece uma visão abrangente sobre o sujeito racializado, destacando como a colonização influencia a identidade individual. Sob a matriz colonial de poder, o ideal de ser humano é definido como homem, branco, europeu. A ideia de não pertencimento ao grupo “homem” gera angústia na sociedade que é racializada, submetidos a constante pressão para embranquecer.

O texto “O Funk Carioca e a Linguagem: uma Leitura Fanoniana sobre a Vida Funkeira”, de **Samuel Lima** e **Weverson Pereira**, trata da experiência da linguagem pela existência do colonialismo e seus efeitos por contínuas resistências culturais nas Américas. Tamanha disposição conceitual emerge no evidenciar do funk carioca através da estética do Atlântico Negro e das trocas frente as múltiplas e inacabadas relações de valores pós-ancestralidade africana.

“A Desalienação do Negro: Reflexões sobre Educação em Diálogo com Frantz Fanon”, de **Neville Santos** e **Thiago Carvalho**, contempla uma proposta de diálogo com as ideias de Frantz Fanon visando pensar a educação do nosso tempo. Ao se fundamentar no livro *Pele negra, Máscaras brancas*

(1952) – um clássico sobre a sociogênese da colonização, da identidade negra enquanto alteridade do branco, dos complexos de inferioridade e superioridade, das condições materiais e dos processos de subjetivação da racialização – e em autoras e autores importantes nos estudos sobre racismo e sobre educação, pretende-se refletir sobre como a noção de alienação em Fanon nos permite elaborar uma compreensão acerca dos processos de desumanização implicados pelo colonialismo.

“A Noção de Angústia no Pensamento de Frantz Fanon: uma Incursão Fenomenológico-Existencial”, de **Nilson Gabriel e Maiara Benedito**, fundamenta-se no diálogo crítico empreendido pelo psiquiatra martinicano Frantz Fanon com a fenomenologia-existencial. Pensar a angústia a partir desse diálogo crítico se mostra de fundamental importância na medida em que o autor é responsável pela historicização das ontologias fenomenológico-existenciais, possibilitando a superação dos limites metodológicos e conceituais, além de nos oferecer um caminho possível para a construção de uma fenomenologia-existencial rumo a um novo humanismo.

“Em Frantz Fanon e o Racismo Diante do Outro”, de **Elizangêla Matos**, propõe uma reflexão sobre o racismo descrito na obra de Frantz Fanon e a condição no negro na obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), analisando como o fato de ser tomado como o outro, delegou ao longo da história o lugar inferior ao negro, efeito imediato do processo de colonização que sob sua ótica precisa ser eliminado visando a liberdade do gênero humano.

Por fim, o texto “Chacinas Policiais e Violência Atmosférica: ou Ensaio Acerca dos Sistemáticos ‘Indícios de Possíveis Excessos na Ação Policial’”, de **Alexandre Julião e Johnatan Guimarães**, realiza uma análise exploratória da persistente violência policial no Brasil, especialmente a realização de chacinas, à luz das ideias de Frantz Fanon. Destaca-se a desigualdade racial entre as vítimas e a falta de reconhecimento oficial desses eventos. A partir da noção do autor de violência atmosférica, propõe-se visualizar as chacinas policiais como instrumento de controle social.

Com este dossiê, buscamos trazer à tona como o pensamento do martinicano segue vivo e pujante, servindo a diversos campos como um meio

perspectiva filosófica

de tecer análise sobre a realidade concreta na qual nos inserimos. Se esses textos servirem para que, no futuro, existam análises mais aprofundadas e debates mais detalhados sobre as querelas do colonialismo nos mais diversos campos, nossa meta terá sido atingida.

Deivison Mendes Faustino
Universidade de São Paulo (USP)

Érico Andrade Marques de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Guilbert Kallyan da Silva Araújo
Universidade de São Paulo (USP)

Luís Felipe da Silva
Governo do Estado da Paraíba

